

A MARCAÇÃO DE IDENTIDADE POLÍTICO-DISCURSIVA E (RE) CONFIGURAÇÃO DE NOÇÕES EM DISCURSOS SOBRE A ESQUERDA BRASILEIRA¹

Cláudio Humberto LESSA² (UFMG-FALE)

RESUMO: Neste trabalho analiso partes da obra de Frei Betto, *a mosca azul* e um artigo do sociólogo, James Petras: *‘Novos ventos de esquerda’ ou ar quente de uma nova direita*. Cada enunciador configura e valida, à sua maneira, uma definição do “ser esquerda”. Analiso os recursos lingüísticos que sinalizam os valores e os imaginários mobilizados nesse jogo identitário. Entendo a constituição de identidade político-discursiva como um processo no qual o sujeito identifica-se e articula-se a certos *habitus* e a ideais políticos, formando *auto* e *hetero-imagens*.

RESUMÉE: Dans cet travail j’analyse quelques extraits du livre *A mosca azul*, de Frei Betto (2006) et un article du sociologue James Petras: *‘Novos ventos de esquerda’ ou ar quente de uma nova direita*. Chaque énonciateur cherche à configurer et à valider une définition de ce qu’est “être de gauche”. J’y observe des signes linguistiques qui donnent à voir les imaginaires mobilisés dans un procédé de jeu identitaire. À mon avis, la constitution des identités politiques relève d’un processus dans lequel le sujet s’articule et s’identifie à des *habitus* et à des idéaux politiques, en formant des images *auto-hétéros*.

1. Introdução

A esquerda do PT, esquerda socialista, esquerda conseqüente, esquerda tradicional, esquerda democrática, esquerda positiva, correta/errada, reformista, burra, fundamentalista, “centro-esquerda”. Assistimos a essa proliferação e dispersão de noções nos diversos espaços de discussão política desde a ascensão do PT ao governo. O debate sobre o aumento do salário mínimo e sobre a reforma da previdência, a criação do PSOL por parlamentares expulsos do PT, os escândalos do mensalão e da CPI dos bingos motivaram o surgimento de discursos de avaliação da ética político-partidária e de reflexão sobre os rumos da esquerda brasileira.

Ao examinarmos a progressão temática dos discursos de reflexão sobre a esquerda, levantamos a hipótese de que essas noções integram um processo de marcação de identidade político-discursiva cujos enunciadores buscam configurar e validar uma ética do “ser esquerda”. Nesses gestos de afirmação identitária, é possível observar uma disputa por uma definição mais justa e mais verdadeira do “ser esquerda”. Dito de outra forma, parece tratar-se de uma fabricação retórica de identidades que se estruturaria pelo nocional/definicional.

Associar o processo de especificação de noções a uma fabricação retórica de identidade implica, de imediato, refletir sobre os vínculos entre linguagem e constituição/afirmação de identidade, entre identidade, posicionamento político-discursivo e persuasão bem como sobre os recursos lingüísticos indiciadores desse jogo identitário. Neste trabalho, buscamos compreender de que maneira a noção de “ser esquerda” é (re) configurada a partir de duas óticas: a de Frei Betto, em seu livro *a mosca azul* e a de um sociólogo aposentado, James Petras, em seu artigo *‘Novos ventos de esquerda’ ou ar quente de uma nova direita*.

Refletimos sobre o vínculo entre linguagem, identidade, posicionamento e persuasão a partir do entrecruzamento de categorias e discussões oriundas de dois campos de estudos: i) os Estudos Culturais, nas perspectivas de Silva, Hall e Woodward (2000); ii) a Teoria Semiolingüística de Charaudeau (a partir de 1984), seus conceitos de identidade política, de discurso político, de imaginários sociodiscursivos e imaginários de verdade política.

¹ Este artigo é uma versão adaptada do trabalho final de mesmo título na disciplina *Tópico variável em Análise do Discurso: o discurso da informação*, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em lingüística da UFMG, ministrada pelo Prof. Wander Emediato, no primeiro semestre de 2006, a quem muito agradecemos pelas sugestões e correção.

² claudio-lessa@ig.com.br

2. Identidade e linguagem

Para Silva, Hall e Woodward (2000), as identidades são instituídas por um processo de diferenciação e de identificação do indivíduo relativamente às práticas e aos sistemas discursivos e simbólicos que o determinam. As identidades são construídas no e pelo discurso. Resultam “(...) da criação de variados e complexos atos lingüísticos (...)” Silva (2000, p. 77). Elas estariam sujeitas, portanto, a certas propriedades que caracterizam a linguagem³.

Assim como os signos, as identidades também se definem por um processo de diferenciação. De acordo com Silva (2000, p. 75), a diferença seria o processo pelo qual a identidade se configura, dizer “(...) sou X (...) é parte de uma cadeia de ‘negações’, de expressões negativas de identidade, de diferenças” Trata-se de tomar aquilo que se é como norma pela qual se descreve ou se avalia aquilo que não se é. Nessa perspectiva, o “ser brasileiro” ou, em nosso caso, o “ser esquerda” não podem ser tomados como absolutos, como entidades que existem antes ou fora da linguagem. Só adquirem sentido relativamente a um outro e a um sistema de significações simbólicas sócio-historicamente construídas. São construtos da linguagem e do discurso.

A perspectiva dos Estudos Culturais vai assim refutar uma noção de identidade fixa, una, idêntica a si mesma, autônoma e soberana. Para Hall (2002), as identidades não se reduziriam a um eu idêntico a si ao longo do tempo, nem a um eu coletivo, que se esconderia dentro de muitos eus partilhados (superficiais e artificialmente impostos), mas seriam fragmentadas e construídas ao longo das práticas discursivas nas quais os sujeitos se inserem:

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional (...) de forma diretamente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, esta concepção de identidade não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história (Hall, 2000, p.108)

Hall define a identidade como um ponto de encontro, ou como uma “sutura” bem sucedida do indivíduo às práticas discursivas e aos discursos que o interpelam. Estas representam para o sujeito uma injunção a ser e a parecer. As identidades resultam das posições que o sujeito é obrigado a assumir nas diversas instâncias de intercâmbio linguageiro, seriam pois “(...) pontos de apego temporário às posições-de-sujeito” que as práticas discursivas constroem para nós.” (Hall, 2000, p. 112) A uma historicização radical da categoria do sujeito, Hall propõe pensar a sutura do indivíduo às formações discursivas como um processo de articulação:

Se uma suturação eficaz do sujeito a uma posição-de-sujeito exige não apenas que o sujeito seja ‘convocado’, mas que o sujeito invista naquela posição, então a suturação tem que ser pensada com uma articulação e não como um processo unilateral. Isso (...) coloca (...) a identificação na pauta teórica” (Hall, 2000, p. 112)

3. Identidade, posicionamento político-discursivo e imaginários sociodiscursivos

Essa abordagem discursiva dos Estudos Culturais considera a articulação/identificação como um processo inacabado, pode-se ganhá-la ou perdê-la. Pode-se sustentá-la ou abandoná-la. Charaudeau (a partir de 1984), semelhantemente a Hall, apresenta um conceito de identidade posicional, estratégico, interacional e processual. Para ele, as identidades dos parceiros engajados na troca comunicativa surgem de uma co-construção de imagens projetadas. Ele se refere a um “jogo de substituição de máscaras” resultante das diversas instanciações do sujeito nas esferas da vida social.

³ Silva retoma os conceitos de signo lingüístico de Saussure e o de *différance*, de Derrida, para explicar a interrelação entre identidade e linguagem. Esse autor lembra que os signos lingüísticos (forma/conteúdo) só adquirem sentido em relação uns aos outros, não têm qualquer valor absoluto; são arbitrários, não há nada de intrínseco nos significantes que remeta às coisas por eles designadas. Derrida define o conceito de *différance* como um processo de adiamento constante da presença da coisa no signo. Este será sempre testemunha de um outro (coisa/conceito). Assim, segundo Silva, nenhum signo pode ser reduzido a si mesmo, ele contém em si o traço do outro, da diferença.

O discurso político, segundo Charaudeau, seria o lugar por excelência, desse jogo de máscaras. O sujeito político, a fim de convencer seu auditório sobre a pertinência do seu projeto, busca ser o porta-voz daqueles valores, crenças e ideais considerados os mais desejados e os mais partilhados pela comunidade. Segundo o autor, o político “(...) deve inscrever seu projeto na ‘logevidade de uma ordem social’ que depende dos valores transcendentais fundados historicamente. Ao mesmo tempo, (...) deve se inscrever na volátil regulação das relações entre o povo e seus representantes.” A cada momento, o político deve estar atento a esses valores, saber conjugar imagens e opiniões contraditórias para formar consensos:

No domínio político, a construção de imagens só tem razão de ser se for voltada para o público, pois elas devem funcionar como suporte de identificação, via valores comuns desejados. O ethos político deve, portanto, mergulhar nos imaginários populares mais amplamente partilhados, uma vez que deve atingir o maior número, em nome de uma espécie de reconhecimento implícito. O ethos é um espelho no qual se refletem os desejos uns dos outros. (Charaudeau, 2004, p.87)

Para este autor o sujeito político constrói para si uma dupla identidade: uma, associada ao conceito político e outra, à prática política. A primeira refere-se à constituição de um pensamento sobre a vida dos homens em sociedade, ou seja, um ideal social; ela define o posicionamento ideológico do sujeito; a segunda refere-se às estratégias de gestão do parecer, visam a manter a legitimidade e a conquistar credibilidade; refere-se ao lugar da argumentação, da persuasão. A palavra política “(...) encontra-se entre o conceito e a prática (...) entre um enfoque idealizante que cria sistemas de valores⁴ e um enfoque pragmático, que se apóia na experiência da relação com outro para influenciá-lo.” (Charaudeau, 2004, p. 84)

Charaudeau salienta que o discurso político não resulta somente da aplicação/repetição de esquemas de pensamento pré-construídos, mas do entrecruzamento dos saberes e das crenças que são (re) construídos a cada situação de comunicação, segundo os posicionamentos resultantes das linhas de pensamento políticas diversas, das reações emocionais e intelectivas e da posição que ocupam os parceiros: dominante ou dominado.

Esses posicionamentos geram discursos de justificação/explicação veiculados pelos/nos três lugares de fabricação do discurso político: *governança*, *opinião* e *mediação*. Eles correspondem respectivamente às instâncias: *política* (compreendida aí o seu duplo, a *instância adversária*); as *instâncias cidadã* e *midia*⁵.

Charaudeau salienta que esses lugares não estão separados uns dos outros. Como todo discurso social, o político, formulado no espaço de elaboração do pensamento político, circula em diversas situações de comunicação, é reconstruído de maneira diferente, serve a finalidades diferentes. Esse autor considera, então, o discurso, como sendo constitutivo do político e de sua ação:

Ele está intrinsecamente ligado à organização da vida social como governo e como discussão, para o melhor e para o pior. Ele é ao mesmo tempo, lugar de engajamento do sujeito, de justificação de seu posicionamento e de influência do outro, cuja encenação varia segundo as circunstâncias de comunicação, o que seria mais justo falar dos discursos do conceito político do que do discurso político. (Charaudeau, 2004, p. 42-3)

As teorizações dos Estudos Culturais e de Charaudeau permitem-nos entender a constituição de identidade político-discursiva como um processo de dupla face: ao mesmo tempo que implica a articulação/identificação do sujeito a certos discursos, a certos sistemas de pensamento (ideais políticos), exige a demarcação relativamente a outros discursos, indiciadores de outras identidades, posicionamentos e ideais. Afirmar uma determinada identidade implica então um duplo processo de representação, representação de si e do outro. Nesse processo, os sujeitos inscrevem-se inescapavelmente em uma memória de discursos, estruturada por imaginários sociodiscursivos.

Sem retomarmos a complexidade da gênese desse conceito⁶, diríamos que os imaginários sociodiscursivos referem-se às atividades de interpretação da realidade pelos membros de uma coletividade,

⁴ Charaudeau (2006, p. 20) os define como as idéias ou ideais de sociedade defendidos no espaço de discussão política. Criam entidades abstratas tais como “Estado, República, Nação”.

⁵ O autor ainda diferencia a sociedade civil e a sociedade cidadã. Não pretendemos discutir aqui a complexidade que esses termos implicam.

⁶ Charaudeau (2004) apresenta uma discussão profunda sobre os conceitos de representação e imaginário sociais. Relaciona-os ao processo de constituição de sistema de pensamentos que remetem aos saberes de crença e de conhecimento. Propõe ainda uma distinção e pontos de imbricação entre ideologia, teorias e doutrinas. Apropriamo-nos do conceito de imaginário sociodiscursivo, a fim de tentar utilizá-lo como categoria de análise.

resultam de consensos de significações geradores dos valores, crenças e ideais que estruturam a vida social e suas trocas simbólicas. Segundo Charaudeau (2004, p. 207) “Eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais”, ou ainda, “(...) representam “(...) um universo de significações fundador da identidade do grupo (...)”.

De que maneira os discursos que refletem sobre os rumos da esquerda brasileira sinalizam esse engajamento, esse posicionamento de que nos fala Charaudeau? Vamos entender as noções do ser esquerda (esquerda real, correta, etc.) como *signos-sintoma*⁷ de imaginários de verdade política. Eles indiciam os sistemas de valores que estruturam um determinado imaginário. Indicam possibilidades de materialização/discursivização dos imaginários. Charaudeau menciona também outras formas de materialização: os diversos rituais sociais, objetos manufaturados e tecnológicos, símbolos. Eles se manifestam em uma pluralidade gêneros: textos escritos (transmissores de doutrinas, teoria, manifestos políticos, literários), provérbios, *slogans* e enunciados diversos.

Segundo o autor “(...) são apresentados de maneira simples, pois devem ser compreendidos pela maioria e desempenham diversos papéis, de apelo, de manifesto, de acusação (...) daí o qualificativo ‘discursivo’ para caracterizar esses imaginários” (Charaudeau, 2004, p. 207) O autor ressalta que eles sempre subentendem uma racionalização discursiva, mantêm um núcleo semântico mais estável e circulam no interdiscurso, testemunhando identidades coletivas, suas percepções/julgamentos. Podem ser instrumentalizados para fins de persuasão nos espaços de discussão política.

4. Identidade, posicionamento político-discursivo, marcação de fronteiras e uso retórico da definição.

Segundo Hall (2000, p. 106) a constituição da identidade “(...) envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de ‘efeitos de fronteiras’ Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui” Butler, citada por Silva (2000, p. 129) afirma que a marcação de identidade pela diferença implica sempre uma construção discursiva de um exterior. Silva (2000) enumera quatro operações que traduzem a diferenciação: inclusão/exclusão (pertencimento/não pertencimento); demarcação de fronteiras (um *eu* que se opõe a um *nós*); classificação (bons/maus) e normalização (normal/ anormal).

Entendemos essas operações como estratégias de essencialização identitária. Indicam que a marcação de identidades situa-se em um espaço conflitivo de disputa pelo poder simbólico ou material entre os grupos sociais. Em nosso caso indicam uma disputa pela definição mais justa, mais verdadeira do que seria o “ser de esquerda”, incluindo aí os valores mobilizados nesse processo, indiciadores de imaginários de verdade política.

Ao se dizer “esquerda socialista”, “esquerda reformista”, ou “esquerda positiva” por exemplo, não se refere simplesmente a uma determinada corrente de pensamento dentro do campo de idéias conflitivo sobre a esquerda, mas se insere em uma rede interdiscursiva e de atos lingüísticos que contribuem para reforçar uma determinada identidade, reforçam-se aspectos positivos ou negativos atribuídos a ela. É Butler citada por Silva (2000, p. 93) quem nos mostra esse caráter performativo dos enunciados de afirmação identitária. Tem-se a pretensão, assim, de se instituírem identidades hegemônicas; mas que, como lembram os autores, sempre serão ameaçadas por seus contrários, por seus exteriores constitutivos.

Na seqüência vamos descrever e analisar esse processo de fabricação retórica de identidades a partir de duas óticas: a de Frei Betto, em seu livro *a mosca azul* e a ótica de um sociólogo aposentado, James Petras, em seu artigo ‘*Novos ventos de esquerda’ ou ar quente de uma nova direita*. Pretendemos mostrar de que maneira aquelas operações de marcação de fronteiras sugeridas por Silva podem ser materializadas pelos seguintes recursos lingüísticos:

- i) os mecanismos que indiciam a *heterogeneidade mostrada* (discurso relatado, *modalização autonímica*, discursos narrativizados) respectivamente (os grifos são nossos):

(1) O momento crucial do discurso foi quando Lula lançou a interrogação: “Qual seria a ideologia do PT? O que pensa o PT sobre a sociedade futura? (...) Não seria o PT apenas um partido social-democrata, interessado em buscar paliativos para as desigualdades do capitalismo?” A resposta veio no bojo da convicção unânime da esquerda na época: “Nós

⁷ Termo de Charaudeau.

do PT sabemos que o mundo caminha para o socialismo. (...) E concluía: “Queremos com todas as forças uma sociedade que, como diz nosso programa, terá que ser uma sociedade sem exploradores. Que sociedade é esta senão uma sociedade socialista?”(...) Hoje pergunto se o líder petista queria mesmo aquilo (...) A dúvida acendeu-me quando, na Presidência da República, ele declarou em público que nunca fora de esquerda (...) (Frei Betto, a mosca azul, 2006, p. 95-6)

(2) “Novos ventos de esquerda” ou ar quente de uma nova direita? (James Petras, 17/04/2006)

(3) Astori, com apoio de Taberé-Vasquez, não apenas rechaçou a renacionalização de empresas, senão que propôs continuar com a privatização das principais empresas do Estado (...) (James Petras, 17/04/2006)

ii) o agenciamento de sintagmas nominais e verbais:

(4) Lula, inclusive antes de sua eleição, assinou uma carta de compromisso com o FMI (...) (James Petras, 17/04/2006)

Para nós esses recursos sinalizam possibilidades de apreender aqueles pontos de “sutura” do indivíduo a determinadas posições de sujeito, de que nos fala Hall. Inscrevem no fio do discurso possibilidades de pontos de articulação/identificação e, ao mesmo tempo de demarcação, relativamente a ideais de sociedade, a sistemas de pensamento e aos valores que os estruturam.

Lembremos que Authier-Revuz (1982, 1998, 2000) relaciona a heterogeneidade mostrada a um processo pelo qual o enunciador, o *UM*, o discurso em si fazendo, procura controlar/conjurar o outro, o *NÃO-UM* que atravessa o seu dizer. Trata-se de uma negociação do sujeito que se crê dono do seu discurso com o exterior que o constitui. O sujeito escreve/fala tendo a ilusão de que é centro do seu dizer, de que é soberano e autônomo. Não se sabe que é atravessado pelo outro/Outro, os discursos sociais e o inconsciente que determinam seu dizer e o seu ser sujeito. Possui, portanto, uma identidade marcada essencialmente pelo outro, ou pela *outridade*, nas palavras de Silva (2000, p. 79).

5. A noção do ser esquerda (re) configurada pela ótica de um professor de sociologia

O artigo de James Petras foi publicado, em português, no *site* do PSTU, em 17/04/2006. Vamos considerar o *site* do PSTU, um lugar de produção de informação/opinião sustentado por uma *instância adversária*. Lembremos que esse partido foi criado a partir da dissidência de alguns parlamentares e militantes petistas. Assim como no jornal, nessa mídia eletrônica, pode-se perceber um olhar, uma perspectiva que controla, organiza, sanciona e representa os pontos de vista que se convencionam devam ser publicados.

Nesse *site* veiculam-se vozes ligadas ao partido (parlamentares, militantes, sociólogos e outros); as informações/opiniões que aí circulam, sedimentam esquemas e imaginários. Esses imaginários formam a base para o *contágio*⁸ das idéias. Assim, a formatação dessa página eletrônica, as matérias nela divulgadas representam/recompõem um corpo social formado por imagens, diríamos, do ser militante socialista. Indicam leituras de artigos, reportagens, livros científicos, cartilhas que veiculam imaginários e também saberes de crença e teorias ligados ao socialismo/marxismo. Todos esses imaginários contribuem para a construção/afirmação de uma identidade partidária e ideológica.

Na seqüência, vejamos como Petras marca uma identidade político-discursiva através de um processo de (re) configuração da noção do ser esquerda.

⁸ Termo de Dan Sperber em seu livro, *La contagion des idées*. Paris: Odile Jacob, 2000.

6. Estratégias de essencialização identitária

No título do artigo o enunciador utiliza uma interessante *modalização autonímica*, seguida de uma interrogação: “*Novos ventos de esquerda*” ou *ar quente de uma nova direita*? Através dessa modalização, o autor marca uma inadequação entre o nome, a noção e a coisa/idéia a ser nomeada. Sinaliza sua discordância quanto a uma identidade político-discursiva de esquerda atribuída aos presidentes eleitos na América Latina por aqueles que ele chama, ironicamente, de intelectuais de ‘esquerda’:

(5) A lista de intelectuais ‘de esquerda’ cobre os três continentes e pode ser lida como um ‘quem é quem’ no interior das esquerdas: Emir Sader, Michel Löwy, Heinz Dietrich, Perry Anderson, Atilio Boron, Raul Zibechi, Frei Betto, Noam Chomsky, Ignácio Ramonet, entre outros. (James Petras, 17/04/2006)

(6) Em geral, os intelectuais de esquerda foram seduzidos por símbolos políticos, formas políticas e políticas de identidade (sobretudo a presença de “indígenas” e mulheres em posições de poder), e não pelo conteúdo socioeconômico ou pela natureza de classe de suas políticas (James Petras, 17/04/2006).

No início do texto o enunciador interroga: “o que é ‘esquerda’?” e em seguida, responde:

(7) O método para determinar “o que é esquerda” baseia-se na análise da substância, e não da forma – símbolos ou retórica –, de um regime ou de um político. (James Petras, 17/04/2006)

Em seguida, lista 14 critérios para se definir uma “política de esquerda”. A partir deles pudemos abstrair *signos-sintoma* de alguns imaginários que estariam contribuindo para a (re) configuração da noção segundo o sociólogo. Elaboramos os quadros seguintes a fim de tentar visualizar esse processo:

Imaginário da soberania nacional:

Ações políticas reivindicadas	Signos-sintomas	Imaginários (ideais de ação política e de sociedade)	Valores estruturantes
1. priorizar	Propriedade pública e nacional vs propriedade privada/internacional	Soberania nacional	Nacionalismo (o que é local é preferível ao global)
2. promover	Propriedade nacional de matérias-primas vs exploração internacional		

Imaginário do Estado como gestor e garantidor do bem público e social

Ações políticas reivindicadas	Signos-sintomas	Imaginários (ideais de ação política e de sociedade)	Valores estruturantes
1. revogar	Privatizações	O Estado como gestor e garantidor do bem público e social	Não privatização (o que é controlado pelo Estado é preferível ao seu contrário)
2. promover	Educação e saúde públicas gratuitas e universais		Educação e saúde públicas

Imaginário da participação popular ou da militância política

Ações políticas reivindicadas	Signos-sintomas	Imaginários (ideais de ação política e de sociedade)	Valores estruturantes
1. estimular	Participação e poder popular nos processos decisórios vs decisões de cúpula, altos negócios, FMI, elites políticas	Participação popular e militância política	Participação política (O que é decidido pelo povo, pela militância é preferível ao seu contrário) Consulta pública Deliberação popular
2. consultar	Movimentos de massa na seleção dos ministros-chave vs acordos de cúpula		

O enunciador utiliza esses critérios, na progressão do texto, para refutar a atribuição de uma identidade de esquerda aos presidentes eleitos na América Latina. Petras mantém, do início ao fim, o termo *centro-esquerda* entre aspas. Coloca essa nomeação em suspenso e argumenta no sentido de destituir as políticas implementadas por Lula, Vasquez, Morales e Kirchner de qualquer traço de esquerda. Petras defende que os intelectuais de esquerda fabricaram essa noção com fins pragmáticos eleitoreiros.

O sociólogo traduz esse termo pelos SNs “centro-esquerda neoliberal” ou “esquerda simbólica” que se oporia a uma “esquerda realmente existente”. Segundo Petras, a primeira “carece de idéias”, é uma “força social gasta”, “triste epitáfio da geração radical dos anos 70/80”, é um “transformismo neoliberal”; a segunda seria representada por “poderosas forças de esquerda na América Latina que (...) disputarão e desafiarão o poder dos convertidos ao neoliberalismo, assim como a seus aliados em Washington nas empresas multinacionais” Essa afirmação do imaginário da participação popular, da militância constitui, diríamos, um aqui-traço dos discursos de marcação de identidade:

(8) Se há “Novos Ventos da Esquerda soprando na América Latina” estes vêm do chamado de Fidel para uma nova revolução dentro da esquerda, da insistência de Chávez em que o socialismo é a única alternativa ao capitalismo, dos novos líderes de massas de Bolívia, Brasil e em outras partes assim como do avanço dos 25 mil membros do movimento guerrilheiro de Colômbia.

O artigo de Petras ecoa o discurso que fala de uma parcela da esquerda cooptada/corrompida pela forças neoliberais (cf. Bobbio (1995), Arantes (2004) e Charaudeau (2006)). O sociólogo apóia-se nesse discurso para argumentar no sentido de demonstrar o “direitismo” daqueles políticos latino-americanos. Assim, a espinha dorsal de sua argumentação estrutura-se na (des) construção discursiva do outro. Petras atribui, então, um feixe de características identitárias neoliberais àqueles políticos. Reforça-se o processo de demarcação de fronteiras via *construção discursiva de um exterior* como diz Butler, citada por Silva (2000). Frei Betto, veremos, falará de uma *desideologização* do PT e de Lula. Vejamos alguns trechos (os grifos são nossos):

(9) Lula, inclusive antes de sua eleição, assinou uma carta de compromisso com o FMI (junho de 2002) na qual acordava pagar a dívida externa, manter um superávit orçamentário de 4% (subseqüentemente superior a 4,5%), manter a “estabilidade macroeconômica” e continuar com as reformas neoliberais do FMI. Nas eleições, cortou drasticamente as pensões dos funcionários públicos em 30% (gabando-se de que tinha a “coragem” para levar a cabo as “reformas” do FMI, reformas as quais presidentes anteriores de direita fracassaram em implementar). (James Petras, 2006)

(10) Os dados empíricos, em todos os indicadores importantes, demonstram que Lula alinha-se mais próximo ao perfil de um político neoliberal de direita do que de um presidente de “centro-esquerda”. Os intelectuais e jornalistas que classificam Lula como um “esquerdista” apóiam-se em sua bagagem social, sindical e ocupacional – de vinte a trinta anos atrás –, assim como em seus gestos teatrais, simbólicos e populistas

Nesses trechos são recorrentes as estruturas do tipo **V + SN – índice do perfil neoliberal** a serviço da estratégia de (des) construção discursiva do outro: *assinou uma carta de compromisso com o FMI; acordava*

pagar a dívida externa; continuar com as reformas neoliberais do FMI; uniram-se ao FMI e às empresas multinacionais; não revogou nenhuma das fraudulentas privatizações estratégicas da energia da Argentina; acolheram a agenda neoliberal; Em outros trechos, também se encontram: *estenderam tapete vermelho aos pés de uma indústria de celulose de propriedade finlandesa; declarou apoio pela presença sistemática de base militar norte-americana.* Para nós, essas estruturas constituem fórmulas de atribuição/fixação/naturalização de identidade político-discursiva.

Charaudeau (2006, p.91) afirma que o discurso político apresenta uma estrutura narrativa semelhante àquela dos contos populares e de aventura: “uma situação inicial que descreve o mal, a determinação de sua causa, a reparação desse mal pela intervenção do herói natural ou sobrenatural”. O autor refere-se a uma *dramaturgia política*, encenada pelos atores políticos a fim de obter adesão a um projeto de sociedade ou de ação política. Parte-se da constatação de uma desordem social e da origem desse mal, representada pelo adversário; em seguida, apresenta-se uma solução salvadora.

Nos discursos de marcação de identidade, diríamos que seus enunciadores consideram o neoliberalismo uma das origens dos males socioeconômicos ou das desigualdades sociais. Apresenta-se, então, o socialismo e seus valores; enfim, o “ser esquerda”, como ideal político capaz de conduzir a sociedade à justiça e à redução das desigualdades.

Entretanto, lembramos, e é nosso argumento, que cada enunciador (re) configura a noção do ser esquerda de uma maneira, embora pareça ser possível perceber pontos comuns, como diria Bobbio, um “(...) núcleo irreduzível ineliminável (...) sempre ressurgente, ao mesmo tempo ideológico, histórico e existencial” E nesse processo de (re) configuração, cada sujeito pode apresentar *pontos de sutura* específicos relativamente a ideais políticos (seus imaginários de verdade e seus valores estruturantes).

7. A noção do ser esquerda (re) configurada pela ótica de Frei Betto

Buscamos entender de que maneira Frei Betto (re) configura essa noção a partir do exame de alguns capítulos⁹ do seu livro *a mosca azul*. Nessa obra, o frei fala do lugar de um ex-ocupante da *instância política*. Ocupara o cargo de secretário do programa *Fome Zero* do governo Lula. Obra memorialística, o enunciador faz um retrospecto de sua inserção e atuação nos movimentos populares e na igreja. Reflete sobre a história das esquerdas no Brasil, sobre o poder e o fascínio que ele exerce nas pessoas. Fala do seu desencanto com o PT, com a política do governo Lula e do seu processo de desideologização.

Na página 150, o enunciador justifica o projeto identitário do seu discurso: “Sem volta às fontes não se mantém acesa a mística da militância. É preciso debruçar-se sobre a história da esquerda, conhecer seus erros e acertos, ler biografias e autobiografias (...)” Nessa volta às fontes, Frei Betto apresenta ao leitor um mapa, no qual localizam-se inúmeros pontos de sutura do enunciador a determinados ideais políticos e de sociedade, assim como pontos de demarcação relativamente a outros ideais, outros discursos e posicionamentos políticos. Na progressão do texto, o frei católico tece seu perfil idealizado do “ser esquerda”. Vejamos alguns *signos sintoma* indiciadores desse perfil e dos imaginários que o estruturam.

Na seqüência, vamos primeiramente, apresentar os trechos nos quais os *signos sintoma* aparecem. Chamamos atenção para a semelhança entre o livro e o artigo de James Petras tanto na mobilização dos imaginários quanto no uso das fórmulas de (des) construção discursiva do outro.

Imaginários da soberania nacional e do Estado como gestor e garantidor do bem público e social

(11) O anúncio da sangria de nossas riquezas foi o primeiro sinal de que o governo aceitou ficar refém do Estado – esse Estado que a elite brasileira, sintonizada com a internacional, modelou de acordo com seus interesses (...) Estado que não assegura – de fato e de direito – alimentação, saúde, educação e trabalho para a maioria da população. Estado que (...) não consegue ainda inverter as prioridades e abraçar metas estratégicas centradas na emancipação nacional. (...) Quando o governo favorece a elite é como se toda a infraestrutura daquela superestrutura já estivesse prenhe da decisão tomada. (Frei Betto, p. 113, 14)

(12) Socialismo rima com emancipação humana, soberania nacional e sobretudo, felicidade pessoal, como acentuava Che Guevara. (Ibid., p. 152)

⁹ XIII – Trata das razões que levaram o autor a deixar o governo. Derrotas e vitórias da esquerda. O socialismo como esperança de futura.; XIV – Trata do neoliberalismo. As privatizações. O supragoverno mundial; XV – Trata dos equívocos em relação ao autor. O que significa ser esquerda e XVI – Trata do poder popular. Crítica à esquerda. Refere-se ao socialismo. Lugares do poder.

Imaginários de igualdade, solidariedade e fraternidade

(13) (...) mantém viva a indignação e engaja-se em prol de mudanças que forcem cessar a marginalização e a exclusão (Ibid., p. 147)

(14) (...) segundo Norberto Bobbio (...) jamais aceita a desigualdade como condição natural, como (...) a direita (Ibid., p. 148)

(15) É a vertente ética, enraizada na solidariedade, que torna o socialismo radicalmente diferente (...) (Ibid., p. 152)

À medida que a narrativa avança, pode-se perceber índices de um possível hibridismo discursivo-ideológico-identitário com dominante cristã. Esta, acreditamos, organiza a intencionalidade do projeto de palavra do enunciador. Vejamos quais os imaginários sinalizam esse hibridismo:

Imaginário humanista e socialista cristão

(16) (...) age por princípios, centrada no direito à vida da maioria (...) reduz a renda dos mais ricos (...) (Ibid., 2006, p. 107)

(17) (...) o autêntico militante – como Jesus, Ghandi, Che Guevara é um servidor, disposto a dar a vida para que todos tenham vida. Não se orgulha de estar no poder, nem perde a auto-estima ao retornar às bases (...) (Frei Betto, p. 150)

A noção de ser esquerda de Frei Betto mobiliza os imaginários da militância e da participação popular (sem o caráter de guerrilha). Assim como no discurso de Petras, o frei deposita sua esperança na mobilização popular, na organização das *instâncias cidadãs* para forjarem mudanças sociopolíticas:

(18) Mobilizará o movimento feminista (...) os ecologistas (...) negros e indígenas (...) sem-terra (...) sem-teto (...) e a classe média (...) Nada da economia centralizada e estatização da propriedade estatal (Ibid., p. 158)

(19) Na conjuntura latino-americana, fica descartada a estratégia libertadora centrada na proposta de assalto ao Estado (...) não se conquista o aparelho estatal sem antes estar consolidado o apoio de corações e mentes da maioria da população. Não se podem subestimar os que somam com o sujeito popular: jovens, profissionais liberais (...) deve-se elaborar um novo consenso popular (Ibid., p. 159)

(20) (...) requer uma ideologia que resgate a ética humanista de socialismo e abandone toda interpretação escolástica da humanidade (Ibid., p. 161)

Frei betto faz uma crítica a uma “esquerda intelectualizada”, indiferente ao contato com o povo. Critica também o socialismo soviético, autoritário, burocrático e ditatorial. Seu discurso indicia pontos de sutura a outros valores, a outros discursos e imaginários que concorrem para a construção de um ideal de socialismo para além de uma interpretação exclusivamente economicista do pensamento marxiano:

(21) (...) a ideologia progressista não pode mais reduzir-se a uma teoria econômica de natureza positivista (Ibid., p. 153)

(22) (...) não ser pautado por padrões capitalistas de tecnologia e modelos de consumo. (Ibid., 2006, p. 153)

(23) Não há futuro socialista fundado na ditadura do proletariado, no partido único. Há que crescer a Marx pensadores como Montesquieu, Rousseau, Che Guevara e outras correntes de pensamento como a Teologia da Libertação. (Ibid., p. 158)

8. Conclusão

Charaudeau nos mostra que o discurso político, assim como o publicitário, tem como *enjeau*¹⁰ a proposição de um sonho coletivo/individual. Concorrem para a construção desse sonho ideais de sociedade, sistemas de pensamento político estruturados por valores e imaginários comumente partilhados e aceitos. Delineiam-se, assim, no espaço de discussão política, uma diversidade de sonhos conflitantes. Eles correspondem à luta pela conquista do poder simbólico e material, pela afirmação de ideais, idéias e identidades hegemônicas.

Tentamos mostrar de que maneira o processo de (re) configuração de noções indicia um processo de fabricação retórica de identidades pelo qual cada enunciador defende uma noção mais justa e verdadeira do ser esquerda. Nesse processo de construção/afirmação identitária, vimos, os sujeitos gerenciam operações discursivo-linguísticas que sinalizam ao mesmo tempo, diferenciação, demarcação e identificação/articulação relativamente a determinadas posições de sujeito, a determinados ideais e sistemas de pensamento.

A noção do ser esquerda, tal como (re) configurada/reivindicada por Petras e Frei Betto parecem confirmar idéias de Bobbio (1995) sobre a diferença esquerda/direita. Ele nos mostra que, embora sejam conceitos opostos, em cada momento histórico, convivem e concorrem tendências (diríamos, noções) diversas de esquerda e direita.

Se estivermos certos, as análises indicam que Petras se representa, justamente, como um “ser esquerda” mais radical, socialista autêntico, cujos ideais poderiam conduzir a sociedade à justiça e ao bem estar social. Assim, ele procura representar o outro como uma “direita camuflada”. Já Frei Betto também refere-se a um processo de *desideologização* do PT e de Lula. Usa de estratégias que representam o outro como uma esquerda cooptada, corrompida pelo poder. Mas diferentemente de Petras, propõe-nos uma outra alternativa de “ser esquerda”, estruturada por valores, ao mesmo tempo, socialistas e cristãos.

Era nossa intenção analisar também a reivindicação de uma esquerda que busca conciliar práticas e valores paradoxais. Bobbio a define como uma “esquerda socialista liberal”. Entretanto, por ora, vamos deixar essa análise para outra oportunidade. Como dissemos no início, as noções não param de proliferar no espaço sempre conflitivo de discussão/persuasão política.

9. Referências bibliográficas

ARANTES, P. *Zero à esquerda*. São Paulo: Conrad livros, coleção Baderna, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. “Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive”. In: *DRLAV* 26. Paris: Centre de Recherches de l’Université de Paris III, 1982.

AUTHIER-REVUZ, J. Duas palavras para uma coisa: trajetos de não-coincidência. In: *Universa*, Brasília, v.8, nº 2, junho de 2000.

BETTO, Frei. *a mosca azul – reflexão sobre o poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda – razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 1995.

CHARAUDEAU, Patrick. “Análise do discurso: controvérsias e perspectivas”. In: *Fundamentos e dimensões da Análise do Discurso*, Carol Borges, Belo Horizonte, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

PETRAS, James. *‘Novos ventos de esquerda’ ou ar quente de uma nova direita*. Disponível em: www.pstu.org.br/ artigo. Acesso em 12/05/06 às 19h32min.

SILVA, Tadeu, T. (Org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. *Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹⁰ Charaudeau utiliza tal termo para definir a expectativa intrínseca a todo ato de linguagem.